

CRISTOVÃO COLOMBO.... ESSE DESCONHECIDO.

FAUST CARDONA

O que nestas linhas vai se tentar expor tangencia, em parte, tanto as frias páginas da História como as rebuscadas linhas da Literatura. É impossível, ou quase difícil, traçar com nitidez o *divortium acquarium* entre ambas as vertentes.

Como já foi amplamente divulgado, muitos assuntos ligados à vida e à obra do navegador Cristovão Colombo continuam mergulhados em espessa névoa, tantas são as dúvidas e controvérsias a respeito do ilustre genovês.

Vejamos alguns tópicos até hoje imersos em embaraçosa confusão.

Qual o nome atual da antiga ilha de Guanahani, a primeira terra descoberta por Colombo? Se confiarmos nas palavras de Juan Bautista Muñoz, historiador coetâneo de Carlos III, deveria ser a atual ilha de Watling. Se, contudo, acompanharmos a opinião de Fernandez de Navarrete, deveria ser a de Eleuthera. Se, por outro lado, nos fiarmos nos escritos de Link, a famosa ilha seria a de Caicos. Pelo parecer de Humboldt, ou de Washington Irving, ou de Aurélio Tió, a ilha seria a de Cat.

Como se vê, a incógnita da primeira ilha descoberta pelos espanhóis em águas americanas é apenas um dos vários enigmas que o destino parece haver se esforçado em tecer em torno da figura sóbria e contraditória do Primeiro Almirante das Índias. Para emaranhar mais ainda as investigações dos estudiosos, as hipóteses formuladas aumentam as indagações. Há uma multiplicidade de opiniões. A perda ou o não aparecimento de certos documentos importantes, e, às vezes, a ocultação da verdade por parte dos próprios atores da História, tem cegado de tal maneira as pesquisas ou as lídimas fontes das apurações que, hoje, se torna difícil distinguir os dilemas oriundos dos episódios...

Passados tantos séculos, perdura até hoje a incerteza destas incógnitas ligadas visceralmente ao descobrimento do Novo Mundo. As ilhas Bahamas, antigas Lucayas colombianas, guardam avaramente este segredo.

No tocante à primazia da descoberta do Continente Interpolar, as hipóteses e teorias chegam a confundir o pesquisador.

Que o Continente Interoceânico foi descoberto por povos ou gentes provindos da Polinésia, Melanésia e Micronésia, não há dúvida. Foram eles verdadeiros *Kon-tikis* do neolítico americano.

Apurar as origens do Mundo Novo é penetrar numa faixa sombria em que se afirmam homens de outra cor, de costumes e culturas exóticas. Estes fatos verificaram-se muitos séculos antes da Hibernia ter penetrado na História.

O Continente Americano já era conhecido de outras comunidades quando as caravelas castelhanas ancoraram pela primeira vez diante de Guanahani. À Espanha dos Reis Católicos coube a árdua tarefa de apontar uma nova Trilha para o futuro. Hoje, muitos autores concordam que o navegante genovês só fez consolidar conhecimentos guardados secretamente em mãos de poucos. Situação histórica-política algo parecida com a viagem de Pedro Álvares Cabral em relação a Duarte Pacheco Pereira. A obra de Cristóvão Colombo é de transcendência histórica incontestável; a significação sócio-econômica dessa nossa trilha ou desse novo Caminho, — que transfigurou a face ecumênica da Terra —, é assunto para muitos estudos.

Que povos foram esses, vindos do Pacífico Oriental e pelo Atlântico Boreal? Seriam gentes ainda mal estudadas, originárias do âmago luminoso da velha Ásia. A América de Vespúcio teve, sulcando seu generoso solo, provavelmente na Era Paleolítica, populações de estirpe asiática. Estas, sim, é que teriam sido os verdadeiros descobridores do Novo Mundo.

Como se chamavam estes desbravadores? Quantos eram? Que tipo antropológico ostentavam? A estas e a muitas outras indagações só o tempo poderá responder. . .

A hipótese do descobrimento do Continente Interoceânico por siberianos, através do Alaska, quase a pé enxuto, graças à zona dos *Pack Ices*, é um pouco precária. A versão do *Homo Ambulantis* explicaria o povoamento dos inúmeros arquipélagos do Oceano Pacífico. O mesmo tipo asiático que, por desassombradas arrancadas, em frá-

geis balsas ou rudes barcos, atingiu o Hawai ou as Carolinas, seria o mesmo audacioso desbravador que teria alcançado vários pontos da costa ocidental do Continente Americano.

A arribada, premeditada ou ocidental, de embarcações asiáticas às costas do Perú, ou de Centro-América, ou de outros pontos de fácil acesso, não se teria efetuado de uma única vez, de um só ímpeto, como no estilo colombiano. Estas supostas tribos ou imaginárias gentes não teriam chegado às plagas americanas em grupos organizados de centenas de aventureiros, mas, pelo contrário, teriam arribado às terras deste Continente ao cabo de muitas gerações, em épocas diversas, em magotes ou isoladamente, em ondas ou fluxos cíclicos intermitentes. Por isto, as culturas regionais existentes na América, supostamente autóctones, são, na realidade, bastante heterogêneas.

Os *Kon-tikis* neolíticos (digamos assim, para dar uma imagem aventureira daqueles intrépidos navegantes), — indivíduos da Malásia, embarcados em juncos, sampanas ou catmarans, — em pequenas etapas, pulando de ilha em ilha, realizaram a maior “escalada do Homem na superfície terrestre”. Saltando, heroicamente, das ilhotas da Micronésia ou Polinésia, em lenta e secular infiltração, os homens de origem malaia pontilharam as imensidões do Oceano Pacífico com sua presença realizando, numa grotesca comparação, algo semelhante ao que os astronautas de nossos dias estão realizando na Via Láctea.

A imaginação é de tal maneira criadora que a obra do *Homo Planetarius* se consumaria quando as criaturas humanas ocupassem os arquipélagos celestes. Estarão os astros, *Hoje*, mais distanciados para as imensas ambições do Homem, do que as ilhotas do Pacífico estariam *Ontem*? Tudo, afinal de contas, se resumiria numa polarização de forças: Tecnologia e Tempo. Para situar, a grosso modo, o problema, bastaria que confrontássemos, grosseiramente, a jangada *Kon-tiki* dos malaios com a caravela Santa Maria, desprovida de aparelhos científicos, ou *ad argumentadum*, acarear o *14 Bis* de Santos Dumont com um *Mirage* de nossos dias...

A misteriosa e remota ilha da Páscoa, detentora de monumentos megalíticos, — a ex-Rapanui, a mais oriental das ilhas polinésias —, poderia ser considerada, figuradamente, como um “arco” ou catapulta que disparou o petardo que atingiu em cheio o solo americano. Forçando um confronto retórico, a ilha da Páscoa estaria para os navegantes polinésicos assim como o porto de Palos esteve para a fase dos Descobrimentos Marítimos do século XV.

As analogias idiomáticas entre os falares íncolas da América do Sul (mormente o araucano) e as vozes malaias justificariam as con-

frontações linguísticas, proficuamente estudadas pelos jesuita espanhol Lorenzo Hervás y Panduro, um dos maiores filólogos do século XVIII. O idioma malaio é uma “língua-mãe” em relação a outras línguas asiáticas e oceânicas como o “sânscrito” é para as línguas indo-europeias.

Não haveria exagero se se afirmasse que a América foi descoberta, fecundada, e povoada por estirpes oriundas do Sudeste da Ásia. Milhares de anos mais tarde, estes povos, já ameríncolas, viram, extasiados, o aparecimento em suas praias orientais de enormes barcos de velas enfunadas, ostentando armas e vestimentas jamais vistas por eles. Que espetáculo fantástico, digno de um Camões, seria descrever o choque cultural de duas civilizações diametralmente antagônicas: homens nus, empunhando arco e flechas, face a face com criaturas louras, cobertas de rutilantes armaduras, ou vestidas de veludos e golas rendilhadas. . .

Ao se confrontarem as naus isabelinas com as pirogas dos silvícolas, o planeta Terra teria começado a minguar. Homens de mentalidades opostas uniam-se no mais demorado amplexo da Humanidade. . . Parece até que com as viagens de circunavegação, iniciadas logo após os grandes descobrimentos, o Mundo, que era plano, segundo as idéias ptolomaicas, teria se arredondado, conforme o pensar de Copérnico.

A amalgamação de raças e costumes continuou com as viagens de circunavegação de Sebastian del Cano e Fernando de Magalhães.

Que momento significativo para a História do Mundo o instante em que Cristóvão Colombo pisou as areias frias de Guanahani, antecipando-se de quase meio milênio o parambular do primeiro homem na superfície lunar.

Os segundos descobridores da América, — ainda que, nesta matéria, não se possa fixar ordenamentos ou prioridades —, ou as segundas gentes oriundas da Ásia foram, possivelmente, populações vindas através do Estreito de Bhering, graças à “calçada de gelos” interposta, no inverno boreal, entre as Aleutas e a Península de Chukchi, na Sibéria. Seriam grupos siberianos, aclimados às intempéries árticas, que encontraram na gélida Alasca condições de sobrevivência excepcionais. Por que classificar os siberianos em segundo plano em relação aos polinésios? É que o Homem, por óbvios motivos, levou mais tempo em conquistar as terras geladas dos que os mares cálidos das ilhas tropicais da Oceania.

A terceira conquista do Continente da Esperança pertence ao mundo da fantasia, é obra de poetas que, como nefilibatas, estão sempre dispostos a fabular. A *Divina Comédia*, — 160 anos antes que as quilhas isabelinas deixassem o porto de Palos de Moguer, oferecendo ao mundo literário a genialidade de Dante Alighieri, — revela intuitivamente a existência, para os lados do Poente, de um Continente desconhecido.

Nesta altura de nossas considerações, cumpre rememorar a assombrosa profecia de Sêneca, em seu *Medea*, quando diz

“Nos derradeiros anos do Mundo, virão certos tempos nos quais o mar-oceano afrouxará suas inibições e se descortinará uma grande terra. Um novo marinheiro, como aquele que guiou Jasão (chefe dos Argonautas)... descobrirá um Mundo Novo. Essa Terra, então, não será a ilha de Thule”.

Raimundo Lúlio, contemporâneo de Dante, acreditava, também, na existência de terras incógnitas, a quem atribuía, juntamente com a Lua e o Sol, o fenômeno das marés.

Herdeiro destas clarividências, Dante Alighieri, no Canto XXVI, de *O Inferno*, descreve uma viagem a essas terras desconhecidas, atribuindo a Ulisses o seu descobrimento. Os dados geográficos apontados pelo genial florentino chegam, hoje, a assombrar seus leitores quando, por exemplo, se manifesta pela duração da viagem de Ulisses, a situação marítima, a derrota seguida pelo herói helênico, a posição das estrelas, e outros elementos valiosos. Pelas minúcias que a obra de Dante oferece, o legendário Rei de Ítaca descobriu uma terra, — na qual veiu a sucumbir —, situada na costa setentrional do Brasil, nas cercanias da Guiana Francesa, diante da atual localidade de Caciporé, a 4º de latitude Norte e a 50º de longitude Oeste. A súpula da fábula é a seguinte.

O autor da “Divina Comédia”, guiado pelo imortal Virgílio, penetra no fundo do Averno. Para trás dos visitantes ficou a taboleta *Lasciate ogne speranza*. Subitamente, na 8º fossa do 8º círculo, Dante descobre Ulisses transformado numa bruxuleante chama. Dante não ignora que o herói grego atraiçoou todos seus amigos, inclusive Deidama. Dante não se admira de encontrar Ulisses ali, naquelas paragens reservadas aos mentirosos e desleais. O que, porem Dante ignora é como, onde e quando Ulisses findou seus dias. Desejoso de saciar sua imensa curiosidade, Dante pergunta-lhe, graças à mediação de Virgílio:

“Onde foste morrer?”, ao que o esposo de Penélope responde: “Lancei-me pelo mar-alto, só com uma embarcação e reduzido

grupo de companheiros. Todos, eu e meus seguidores, já estavam encanecidos e lerdos, quando chegamos à estreita garganta onde Hércules fincou suas duas colunas para que homem algum ousasse ir mais além. Deixei Sevilha para trás. Já que restava a todos tão poucos dias de vida, decidimos percorrer o mundo e conhecer os habitantes que se encontram acompanhando o Sol. Virando a popa para o lado do Nascente, remamos sempre em direção ao lado esquerdo”.

Não há dúvida, pois, que Dante aludia ao Continente Interoceânico, conhecido hoje por América. A análise de suas palavras nos leva a esta conclusão: a) — Dante faz alusão a um “mundo” e não a “ilhas”, mundo que se situa onde o Sol se deita; b) — supõe ele esse mundo sem habitantes, descartando de suas cogitações as ilhas Canárias e outras terras conhecidas e povoadas daqueles tempos; c) — as ilhas ou outras terras não poderiam ser as britânicas.

Por outro lado, observando as palavras de Ulisses, vemos, com meridiana clareza, que, depois de deixar para trás as Colunas de Hércules, “rumaram sempre na direção da esquerda”, a Sudoeste, a mesma rota inicialmente seguida por Colombo em direção as ilhas Canárias, as Ilhas Afortunadas dos gregos e romanos. Ulisses não mais alterou a direção de sua proa. Já Cristóvão Colombo modificou ligeiramente sua derrota para o Norte, atingindo o Caribe. Tendo-se conservado “sempre na direção da esquerda”, Ulisses teria atingido a costa setentrional do Brasil, aproximadamente onde hoje fica o Amapá.

Diz ainda o herói de Tróia:

“Cinco vezes se iluminou e se apagou a luz da Lua desde que penetramos naquele mar-oceano, quando surgiu uma montanha obumbrada pela distância”.

Façamos um estudo perfunctório das expressões de Ulisses: Quando o marinheiro Rodrigo de Triana, — escanchado na gávea da caravela Pinta —, teria vociferado, com a força de todos seus pulmões, “Terra! Terra!” (vágido que repercutiu por todos os cantos do Globo terráqueo, e cujos ecos agudos ainda hoje fazem estremecer nossos ouvidos), as naves castelhanas haviam visto rebrilhar as águas oceânicas com o “clarão de três Luas”, isto é, as de agosto, setembro e outubro. É assás curioso notar que Ulisses, o Cavaleiro Andante dos Mares Tenebrosos, tenha se referido a 5 Luas para uma distância sensivelmente igual, ainda que tripulando uma embarcação mais lerdá, movida a remos?

Um dado elucidativo para este ponto é aquele em que Ulisses se refere à sua posição astronômica. Pouco antes de vislumbrar uma montanha, “obscurecida pela distância”, Ulisses disse:

“A noite mostrava-nos as estrelas do outro Polo, e estavam no nosso tão baixas que apenas pareciam sair por fora da superfície das águas...”.

Ora, não seria exagero concluir que “as estrelas do outro Polo” são a Constelação do Cruzeiro do Sul. Logo, Dante, através de sua epopéia, tinha conhecimento da existência dessa Constelação tanto que se refere às suas 4 características luminárias, em outra passagem de sua *Divina Comédia* (*O Purgatório*, Canto I), quando afirma:

“... dirigindo meu espírito em direção ao outro Polo, distingui quatro estrelas...”.

e onde Dante põe nos lábios de Ulisses a seguinte frase:

“... tão baixo que apenas parecia emergir das águas...”.

Não há dúvida de que ele se referia à estrela Polar, a que norteia os navegantes do Hemisfério Boreal. Expressa ele também este pensamento quando declara que a nave de Ulisses se encontrava num paralelo bem próximo do Equador. Ocorre que, entre os paralelos Norte e Sul “mais próximos do Equador”, não há outras terras que não sejam as do Brasil, nem outra montanha que a serra de Tumucumaque, acidente geográfico que forma a fronteira natural entre o Brasil e a Guiana Francesa.

Dando uma certa margem de fantasia ao relato de Ulisses na *Divina Comédia*, não podemos deixar de reconhecer que esta teria sido a 3ª descoberta da América, e, especificamente falando, o primeiro descobrimento do Brasil, com Duarte Pacheco Pereira, ou não.

Infelizmente a lenda diz:

“Subitamente, levantou-se daquelas águas um fantástico torvelinho que se lançou contra a nossa proa. Por três vezes, nossa embarcação rodopiou juntamente com as increspadas águas, e, na quarta vez, a popa virou para o Céu e a proa penetrou fundo no oceano até que as águas se uniram novamente por cima de nossas cabeças”.

O redomoinho aqui referido teria sido o violento embate da nave de Ulisses de encontro a uma pororoca?

Reexaminando todos estes tópicos, aparentemente mitológicos, mas cheios de facetas verídicas, chegaremos à seguinte conclusão: a importância da viagem de Ulisses não foi o fato de ter “descoberto o Continente Interoceânico”, mas o de ter sido o visionário e genial poeta florentino, narrador da lenda, o soberbo cronista das Índias. . .

Outro pretenso descobridor do Novo Mundo é o espanhol Alonso Sánchez de Huelva, onomástico que tem perturbado muitos pesquisadores, que investigam, como teimosos garimpeiros, os obscuros tempos anteriores ao aparecimento da controvertida figura de Cristóvão Colombo.

O nome de Sánchez de Huelva, durante muitos anos, tem agitado os historiadores que revolvem a poeira acumulada nos alfarrábios dos arquivos e tombos da Europa.

Segundo a crônica, velejava Sánchez Huelva de Biscaia para a Inglaterra quando sua nau foi violentamente arrebatada por furibundos vendavais e mares encapelados; ao fim de várias semanas à matroca, depois de ser mero juguete dos elementos enfurecidos, veio dar numas terras do Poente cujos habitantes pensavam ver, na figura medieval daquele piloto espanhol, um filho do Céu.

Diz a lenda que, auxiliado por aquelas gentes selvagens, reparou Huelva suas embarcações e

“lançou-se ao mar revolto, de volta a onde viera, sem mesmo saber o nome das terras que tocara”.

Exauridos de forças, pelo esgotamento dos víveres; corroidos pelas febres malignas; depauperados; apenas 6 homens lograram arribar à ilha Gomera. A população de San Sebastián deu toda a assistência aos naufragos, ouvindo deles o relato de suas peripécias. Isto ocorreu em 1484. Estes desventurados marujos foram acolhidos na casa de Dom Diego García Herrera, genro de D. Inez de las Cosas, Senhora das Canárias. Cumpre lembrar que o asilo concedido aos aventureiros foi a pedido de um traficante genovês, “um tal de Cristóval Colombo”, — homem amante das coisas do mar. Este cartógrafo possuía muitas informações dadas por Toscanelli acerca de possíveis terras ao Poente. É importante saber que Colombo era genro de Bartolomeu Perestrelo, que muito o auxiliou com cartas e informações.

Outra versão da passagem por terras colombianas de várias gentes que não os homens de Colombo é a que tem sido atribuída aos Vikings. É duvidosa a versão do descobrimento do Novo Mundo pelos corajosos marinheiros normados. Os alemães, na Enciclopédia de Leipzig, dizem que o Novo Mundo foi descoberto pelo teutão Dietrich Pinning, a serviço do rei da Dinamarca.

Os poloneses, face à pulverização dos feitos colombinos, apresentam sua versão polaca, feito realizado por Jan de Kolmo, o qual teria pisado terras americanas por volta de 1476.

Saindo dos tempos medievais, reportamo-nos ao Conde Eigil Knuth que afirma ter sido a América descoberta pelos fenícios. O Sr. Frolich Rainer, Diretor do Museu de Filadélfia, acentua que foram os japoneses que primeiro chegaram às plagas do Continente Interoceânico. Para Mário Gattoni Celli, foram os etruscos os primeiros homens a ver terras do Novo Mundo. Herbert Fineman crê que foram os judeus. Há ainda a versão que dá como descobridor da América o monge irlandês São Brandão. Os franceses dizem que Jean Coussin teria chegado ao Brasil em 1488. Até os soviéticos já se intitularam descobridores do Novo Mundo. Na Biblioteca Estadual do Cairo, há livros árabes que tratam das expedições do Sultão Idrissi através do Oceano Atlântico, em busca de novos mundos.

Talvez não haja, na trajetória dos feitos humanos, criatura que mais tenha estado envolta nas brumas das indagações. Os dois polos da vida de qualquer ser humano, — o nascimento e a morte —, geralmente são faceis de ser apurados. Com Colombo tal não ocorreu. O eixo da vida do famoso navegante não é dos mais meridianos, já que seu nascimento, e seu falecimento são, até hoje, conjecturas hipotéticas, presumíveis e controvertidas.

A tese de um Colombo judeu, filho ou neto de conversos, é, em parte, aceita. Seus primeiros tempos são assás nebulosos, como nebulosa foi a vida de tantos vultos medievais. Fala-se num turbado passado inconfessável de Cristóvão Colombo, no qual se mesclaria o comércio de escravos negros na Guiné, ou ter Colombo praticado o corso contra os turcos infiéis, no Mediterrâneo Oriental. Há referências de sua vida como mercador de tecidos ou comerciante de panos nos portos levantinos do Adriático e do Egeu.

Se o próprio Almirante das Caraíbas concorreu com seus silêncios para complicar as raízes de seu nascimento, depois de morto teria participado de algumas fábulas tecidas por seus biógrafos.

As pegadas desse homem, que, depois de Cristo, é a criatura mais famosa, pela bizarrice de seus feitos, está a ensejar estudos mais sérios e reais. As mais elementares informações assinalam que o Cavaleiro Andante dos Oceanos fechou os olhos em 1506, na cidade de Valladolid, tendo sido, — segundo a tradição —, inumado no Convento dos Franciscanos. Mas o que existe de verídico nas andanças sofridas pelo cadáver do Colombo? Como um avatar indú, seu corpo

peregrinou mais que um beduino, numa odisséia odiosa, até encontrar a sua última morada. A frase “última morada” chega a ser eufemismo, já que se conjectura terem seus ossos se extraviado nas quatro viagens *post-mortem* que realizou.

De Valladolid, os restos mortais de Colombo foram trasladados para a Cartuxa de Santa Maria de las Cuevas, fora dos muros de Sevilha. Por quatro vezes, Colombo atravessou o Atlântico Norte, e, por quatro vezes, pisou ele terra americana. Por quatro vezes seu corpo inerte perambulou de um canto para outro do planeta. A remoção dos restos de Colombo, de Valladolid para a Cartuxa, poderia ser considerada a sua “primeira viagem mortal”, digamos assim para facilitar nossa exposição. No Convento da Ordem de São Bruno, o cadaver de Colombo ficou aguardando o momento de ser levado para a ilha antilhana de São Domingos, em obediência a seus desejos. Esta é a sua “segunda viagem mortal”. Em 1795, a coroa espanhola cedeu à França a parte da ilha em que repousavam os ossos do mais famoso descobridor de terras de todos os tempos.

O Tenente-General da Armada Dom Gabriel de Aristizábal, comandante da esquadra castelhana do Caribe, dando cumprimento às instruções recebidas de Madrid, embarca as preciosas cinzas no navio chamado *El Descubridor*, levando-as para Havana, perfazendo-se, assim, a “terceira viagem mortal” de Colombo.

Dos memoráveis domínios espanhóis na América, os ossos de Colombo foram mais uma vez trasladados para a Catedral de Sevilha. Esta foi sua “quarta viagem mortal”. Se de fato Colombo era judeu de origem, teria cumprido, ao pé da letra, o anátema de Jesus contra o sapateiro Ashaverus. Suas quatro andanças pelo globo afora, acima expostas, constituem a versão oficial. Acontece, porém, que Colombo teve, entre seus biógrafos, um duende na pessoa do Monsenhor Roque Coccia o qual, baseado em delegação papalina, — 80 anos depois da “terceira viagem mortal”, a que se verificou de São Domingos para Cuba —, e levado por incontrolável impulso, decidiu proceder a profundas excavações na precitada catedral dominicana onde teria achado um cofre pequenino, de metal, em cuja cobertura se podia ler a seguinte inscrição: “última parte dos restos mortais do Primeiro Almirante Dom Cristóvão Colombo”.

Na tampa do citado cofre havia outras palavras que o passar do tempo tornou ininteligíveis. Como não podia deixar de ser, o arrebatado vigário italiano estigmatizou, em renomada pastoral, como “falsos” os restos mortais do genovês enterrados em Cuba. Face a tão delicado problema, o monarca espanhol, Dom Affonso XII, diri-

giu-se à Real Academia Espanhola para que ela se manifestasse a respeito do achado no cofre. Aquela colenda Academia de História qualificou de “carentes de autenticidade” as cinzas encontradas pelo clérigo Coccia. Armou-se, na época, uma interminável polêmica entre as diversas partes que julgavam possuir a verdade dos fatos. Até 1950, os restos de Colombo foram encontrados em todos os locais onde antes fora ele supultado. Face à proliferação de nichos, cofres, urnas, tumbas, cinzas, ossos, etc., parece-nos que já seria tempo de uma comissão *ad-hoc* manifestar-se sobre tão momentosa questão. Aqui, não tomamos partido, expomos apenas os fatos que estão divulgados em muitos trabalhos. Nosso fim é mostrar como foi confusa a vida do mais famoso aventureiro da História. Esta assombrosa criatura que foi Cristóvão Colombo, face aos mistérios que recocheteiam de sua existência aventureira afigura-se-nos uma simbiose de boa-estrela e de má-fama, ora aventureiro como Marco Polo, ora iluminado como Cagliostro, ora execrado por seus contemporâneos, ora adorado pelos pósteros...

A estranha vida do insigne marujo não termina nas suas “viagens mortais”. Sua existência se caracterizou por eventos marcados pelo mais profundo mistério. Que fim levou, por exemplo, seu *Diário de Bordo*? Este precioso documento, como “história das mil e uma noites”, continha tantos dados e informações que nem um César, nos *Comentários das Guerras das Gálias*, seria capaz de coletar. O valioso *Diário de Bordo*, escriturado pelas próprias mãos do protagonista da memorável aventura, perdeu-se na Espanha da maneira mais insólita. Não existe o menor vestígio desse *Log Book*. Ao se procurar colher o fio da meada, inicia-se pela entrega, em Barcelona, pelo próprio Colombo, do *Diário* aos Reis Católicos. Os soberanos ordenaram que o Arquivo Real tirasse uma cópia e restituisse o original ao seu autor. Ocorreu o que menos se esperava: os Soberanos mandaram para o Arquivo Real o original da obra e devolveram a cópia. A família de Colombo conservou em seu poder a dita cópia até 1654, quando Dom Luiz Colombo, primeiro Duque de Veragua, pede licença real para imprimir o livro, o que, a final não se fez. Esta é a última notícia que se tem do *Diário de Bordo* referente à descoberta da América.

Outra incógnita que se liga à vida de Colombo é o caso do “facho de Luz” vislumbrado na noite anterior ao dia do descobrimento. Às 22 horas do dia 11 de outubro, quando faltavam apenas 4 horas para as caravelas colombianas avistarem a ilha de Guanahani, o próprio Colombo avistou uma luz misteriosa. O seguinte trecho escrito pelo padre Las Casas esclarece em parte a questão:

“O Almirante, às dez horas da noite, estando no castelo de popa, viu uma luzinha. Chamou o tripulante Pedro Gutierrez que lhe disse que aquilo parecia uma luz. Depois, o Almirante viu a dita luz duas ou três vezes mais. Era como se fosse uma vela que se elevasse no horizonte”.

Que importância pode ter o fato de Colombo ter visto, ou não, aquele fantástico reflexo, chamado pelos eruditos: “A luz da véspera”? Os historiadores se dividem na interpretação do fenômeno. Para uns, a luz não era luz, não existiu; para outros, a luz resplandecia na ilha para onde se dirigiam as naus colombianas; e finalmente, para um numeroso grupo, a luz seria apenas uma facho aceso nas mãos de índios pescadores noturnos. Segundo experiências feitas por navegantes espanhóis, a hipótese que mais se aproxima da verdade seria uma luz que estaria no litoral de uma outra ilha por perto da qual teria Colombo passado na noite de 11 de outubro.

Tendo sido Colombo visionário ou navegador, aventureiro ou carismático, fanático ou herói, o certo é que, descortinando novos mundos, forçou, com seus sacrifícios, as largas portas da História...